

FRANCISCO JOSEPH FREIRE.

ELOGIO

DO ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO SENHOR

D. FRANCISCO PAULO









Digitized by the Internet Archive  
in 2009 with funding from  
University of Toronto



# ELOGIO

DO ILLUSTRÍSSIMO , E EXCELLENTÍSSIMO SENHOR  
**D. FRANCISCO PAULO**  
DE PORTUGAL E CASTRO,

Segundo Marquez de Valença , sétimo Conde de Vimioso ;  
Mordomo mór da Rainha nossa Senhora &c.

CONSAGRADO  
A' AUGUSTA MAGESTADE

DE

# EL REY

NOSSO SENHOR,

E ESCRITO

POR FRANCISCO JOSEPH FREIRE.



*Câmara do  
Luzitania  
Aca.  
Aca. 1814*

LISBOA:

(24) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO Impressor da Congrega-  
ção Cameraria da S. Igreja de Lisboa , e impresso á sua custa.

M. DCC. XLIX.

*Com todas as licenças necessarias.*

Vende se na mesma Officina na rua da Atalaya.

FILOGIO

MONTEBELLIA MAREBELLON

LIBRARY

PQ

9261

V24Z67

LIBRARY  
MAR 6 1968  
UNIVERSITY OF TORONTO





# SENHOR.



*JOELHADO na Augusta  
 presença de Vossa  
 Magestade tenho a distinçta honra de  
 pôr a seus pés o Elogio do Marquez de*

Valença Dom Francisco de Portugal.  
Nelle se expoem succintamente muitas qualidades, e virtudes deste raro Vassallo de Vossa Magestade: não se descrevem todas, porque o brado universal da sua fama tomará este assumpto. Este papel, que a materia fez grande, e agora Vossa Magestade faz mayor, só devia ser consagrado ao seu Augusto nome. Para esta resolução lembreime de que os Gregos só cantavaõ no altar de Jupiter as virtudes do seu Homero: só as dedicavaõ a quem (segundo entendiaõ) era a origem dellas. He Vossa Magestade o Monarca mais sabio, que occupou o Throno deste Reino; tambem me extendera aos do Mundo; mas dilloha a sua Real memoria: e a quem se havia consagrar o Elogio de hum Vãraõ eminente nas letras, senaõ a hum Principe, que como sabio as influe? He Vossa Magestade quem excede muito na piedade a todos os Soberanos mais pios:  
e a

é a quem se haviaõ dedicar as piedosas  
acçoês do Marquez de Valença, senaõ  
a hum Rey tal, que menos horas perde  
nos effeitos da sua piedade, do que dias  
perdia Tito no exercicio das suas mer-  
cês? He Vossa Magestade taõ singular-  
mente generoso, que pratica esta virtu-  
de, sem ter exemplar; e a quem, senaõ  
a Vossa Magestade, se havia offerecer  
a descripção das generosas grandezas de  
hum seu Vassallo, que entre os Fidalgos  
pareceo Principe nesta virtude? As Estrel-  
las seguem o movimento do Sol, os Ca-  
valheros o exemplo do seu Rey: e ten-  
do o Marquez de Valença em Vossa  
Magestade, como todos, o estimulo para  
as suas acçoês, tinha, como poucos, na  
origem o mesmo Real sangue de Vossa  
Magestade, que mais fortemente o obri-  
gava à imitação. Por todas estas cir-  
cunstancias só o Throno de Vossa Ma-  
gestade devia ser o Altar para este sa-  
crificio: muito mais se se reflectir, em  
que

que a memoria deste *Varaõ* devia hir  
buscar em *Vossa Magestade* aquella es-  
pecial honra , com que lhe distinguia a  
pessoa. Será agora taõ feliz na fama , co-  
mo foy na vida. *A muito Alta, e Po-*  
*derosa Pessoa de Vossa Magestade* prof-  
pere *Deos* por felices , e largos annos ,  
como pedimos , e havemos mister. *Lis-*  
*boa, 2 de Outubro de 1749.*

*Francisco Luiz Ameno.*

# A O L E I T O R .

**S**Ahe á luz este Elogio, que escrevi no breve espaço de poucos dias ; porque não quiz ter demora em mostrar a minha gratidaõ. Esta virtude, e não outro algum interesse, foy quem me fez pegar na penna: se lhe faltou eloquencia , não importa ; porque se não for julgado por eloquente , ferey tido por agradecido, e verdadeiro: pois has de saber, que quasi todas estas noticias tirey de hũas memorias que escreveo o Conde de Vimioso para servirem na Instrucçaõ que fez a seu filho primogenito ; e já estariaõ impressas no mesmo livro, se a modestia de seu grande Pay désse a licença. Destas noticias me vali , e ainda de algũas expressões, para com ellas ennobrecer este Elogio, como nascidas de hũa penna taõ pura , e elegante. Ouço que bre-

brevemente lerás outro Elogio a este  
Varaõ, mandado fazer por ordem da  
Casa de Vimioso, e como creyo que  
ha de ser mais crescido em noticias,  
e escrito por penna muito mais feliz,  
naõ será preciso encomendarte o des-  
prezo a este meu, que só pela mate-  
ria deve ser attendido. Por esta razãõ  
naõ me hey de escandalizar do mal,  
que d'elle differes; porque já estou cof-  
tumado a se me fazer esta justiça. O  
Impressor he que se faz digno da tua  
attençaõ; pois sem attender à despeza  
da impressãõ, e mais ornatos, só cui-  
dou em que com a mayor brevidade  
lesses este papel, que sempre tem a glo-  
ria de ser o primeiro, que suaviza o  
teu sentimento pela morte de hum  
Fidalgo taõ digno.

Vale.

# L I C E N Ç A S.

## DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M. R. P. MESTRE  
*Fr. Nicolao da Assumpção Becquer, da sagra-  
da Ordem dos Prégadores, Qualificador  
do Santo Officio, &c.*

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR:

**N**este Elogio do Illustrissimo, e Excellentissimo Marquez de Valença D. Francisco Paulo de Portugal e Castro, composto por Francisco Joseph Freire, não acho cousa alguma contra os Dogmas catholicos, ou bons costumes. He razaõ, que se faz publico por meyo da estampa, para que se perpetuem as memorias de Sua Excellencia, não só em Portugal, mas nos mais Reinos, em que a fama publicou as prendas de que Deos dotou a este insigne Heroe. Este he o meu parecer. V. Eminencia mandará o que for servido. Lisboa, no Convento de S. Domingos dos Frades Prégadores, em 22. de Setembro de 1749.

*Fr. Nicolao da Assumpção Becquer.*

**V**ista a informação, póde imprimirse o Elogio de que se trata, e depois de impresso, tornará confido para se dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 23 de Setembro de 1749.

*Fr. R. Alancastro. Silva. Abreu. Amaral.  
Almeida. Trigofo.*

\*\*

DO

# DO ORDINARIO.

*CENSURA DO M. R. IGNACIO BARBOSA  
Machado, Desembargador da Relação do Por-  
to, Academico da Academia Real, &c.*

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR:

**P**ara se imprimir o Elogio do grande Marquez de Valença, eterna saudade da nação Portugueza, e das lagrimas dos Eruditos da Europa, isento da mais severa critica dos sabios, sobejava a grandeza de taõ illustre assumpto, e o respeitado nome do seu Author Francisco Joseph Freire, já taõ conhecido neste Reino por seus escritos. Foy o Marquez aquelle Varaõ incomparavel, que nasceo para nobre exemplar de todas as virtudes christãs, e moraes, naõ só da Corte Portugueza, mas do mundo todo. Conheceo no alto, e Real da sua origem a obrigação de se fazer verdadeira copia daquelles Soberanos, que a natureza lhe dera por Ascendentes, e a graça o fez em tudo semelhante, pois na liberalidade com que despendero thesouros em beneficio da Religiaõ, serviço do Principe, e remedio da pobreza, na clemencia com que perdoou as injurias, amparou aos afflictos, promoveo os sabios, e exaltou os benemeritos, pareceo mais que nobre Protector, affectuoso Pay, mostrando-se em todas as acções da sua vida o mais fiel retrato de seus Augustos, e generosos Progenitores. De taõ grande assumpto escreve o Elogio Francisco Joseph Freire com tanta pureza de frases, e taõ adornada, e natural elegancia de conceitos, que lendo-se esta sua nobre producção, augmenta a  
fau.

faudade , com que choramos este Oraculo defunto ; que sem duvida foy o mais eloquente homem , que produzio Portugal , nem viraõ as Academias da presente idade. Imprima-se pois obra taõ excellente , e sirva este Elogio do melhor epitafio , em que a posteridade com profundo respeito lea as virtudes , e a vida do grande Marquez , e admire o agradecido animo , com que seu Author procura adiantar nos seus escritos a memoria , e a fama de hum Varaõ , que devemos trazer gravada em nossos corações para continuado culto da nossa perpetua faudade. Publique-se finalmente obra taõ bem escrita , e communique-se ao mundo com a sua liçaõ mais hum reverente obsequio daquelle Heroe , e este novo testemunho do grande talento deste nobilissimo Escritor. V. Excellencia mandará o que for mais acertado. Lisboa , 26. de Setembro de 1749.

*Ignacio Barbosa Machado.*

**V**ista a informaçãõ , concedemos licença para se poder imprimir , e depois de impresso , tornará para se dar licença para correr , sem a qual não correrá. Lisboa , 26 de Setembro de 1749.

*D. J. Arcebispo de Lacedemonia.*

# D O P A Ç O .

*CENSURA DO M. R. P. M. PEDRO CORREA,*  
*da Congregação do Oratorio, &c.*

## S E N H O R .

**P**Or mandado de V. Magestade vi com particular attenção o Elogio, que Francisco Joseph Freire engenhosamente teceo da vida sempre exemplar do grande Marquez de Valença, e não encontrey nesta narração couza alguma, que se opponha aos Reaes decretos de V. Magestade, ou bom regimen da Republica; antes entendo serviria para esta de grande escandalo, e tambem para as de toda a Europa, se ficassem entregues ao esquecimento as prerogativas de hum Varaõ taõ afamado, e conhecido, e taõ benemerito ao commum, e particular da mesma Republica. Ingratidaõ seria dos Vassallos de V. Magestade, se não houvesse hum delles, que por todos não tomasse por sua conta fazer manifestas ao mundo as acções, e virtudes politicas, moraes, e catholicas, que adornaraõ aquella ( como piamente cremos ) ditosa, e bemaventurada Alma, cujo corpo se esconde com a pedra da sepultura; descuido abominavel seria aos estranhos, não haver entre os nacionaes, quem não elogiasse a hum taõ esclarecido, e taõ honrador dos seus patricios, que a tantos elogiou, quantos foraõ os que tiveraõ a fortuna de ser objecto da sua douta penna. Mais se podera aqui dilatar a deste douto Panegyrista, mas entendo não lhe chegaraõ à noticia outras muitas acções do Marquez defunto, ou porque este as encobria com o seu modesto comedimen-  
to,

to, ou porque sendo muito continuadas, já fugião á mais vigilante observação dos seus domesticos; mas quando este grande homem não tivera outra prerogativa, mais que a de ser tantas vezes admittido á presença do seu Monarca, essa só bastava para o dar a conhecer por famoso em todo o mundo. Hum Principe, e hum Soberano tão circumspecto na eleição dos sujeitos, tão perspicaz na escolha, e avaliação do talento, e prestimo dos seus Vassallos, bem dá a conhecer quaes seriaõ as prendas deste Heroe, sendo com tanta frequencia introduzido ao seu trato, e à sua familiar audiencia. Por esta, e pelas muitas singularidades, que pondera este discreto Elogio, ficará sempre immortal na memoria dos homens, hum homem de tão relevante entendimento. Deste modo ficará sempre conservando aquella vida, que no sentimento de Cicero, he que sempre dura na lembrança dos vindouros, no conhecimento da posteridade, e na duração de hum eterno respeito. Esta, e não a vida temporal, he a que se deve chamar verdadeira vida: *Non vita hæc* ( diz judiciosamente o sentencioso Cicero ) *Non vita hæc dicenda est, quæ spiritu, & corpore continetur; illa inquam vita est, quæ viget, memoria sæculorum, quam posteritas alit, per quam ipsa eternitas semper intuetur.* Esta vida, pois, he a que dà ao Marquez defunto este seu empenhado Panegyrista, representando com as cores da rhetorica muito ao vivo aquelle, que por tantas razões se deve chorar morto, e expondo com a viveza de bem advertidas reflexões, de propriedade de palavras, de singularidade de conceitos, quanto aquelle, que já existe entre os mortos, se representa aos olhos da nossa saudade com os alentos da vida. Por esta obra julgo eu se dará este Escritor mui-

to mais a conhecer, do que por nenhuma das muitas, e muy doutas, com que tem sahido á luz; as outras chegaraõ ás mãos dos Professores das materias sobre que escreve; esta porém naõ haverá quem naõ pertenda havella á maõ: he de materia, que a todos pertence, e até os mais inferiores se reconhecem queixosos, e prejudicados, queixosos da morte, e prejudicados na falta de hum sujeito, que a todos honrava; por isso ninguem deixará de querer substituir esta ausencia com a frequente lição deste Panegyrico, dando-se por agradecido ao Author delle. Por esta causa considero eu a todos com Francisco Luiz Ameno fazer esta petição para que se imprima o Elogio; e sendo tantos os credores á licença, mal parece se lhe poderà negar, sem offensa daquella rectidão, e justica, com que V. Magestade costuma conceder o que he justo. He o que entendo. V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa, e Congregação do Oratorio, 2. de Outubro de 1749.

*Pedro Correa.*

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarà à Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para que corra, e sem isso naõ correrá. Lisboa, 3. de Outubro de 1749.

*Vaz de Carvalho. Castro. Doutor Quintella.*

# ELOGIO

DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO PAULO  
DE PORTUGAL E CASTRO,

II. MARQUEZ DE VALENÇA.

EL O G I O

DE FRANCISCO BAULO

DE MARQUES DE VALENCIA



fran Vieira invenit

Roussseau sculp

# ELOGIO.



A R A justificar mais, fau-  
dosos Portuguezes, o alto  
motivo do presente sentimen-  
to, que vos desanima, pela  
intempestiva morte do gran-  
de Marquez de Valença D.  
Francisco Paulo de Portu-  
gal e Castro, consagrarey á

sua illustre memoria hum succinto Elogio, pelo  
qual poderemos, do modo que for possivel, mos-  
trar á posteridade a grandeza da nossa perda.

A

Eu,

Eu, se fora só inspirado do amor da Patria, não me resolvera a fallar de tão insigne Varaõ; porque semelhantes Almas, quando chegãõ a tão sublime merecimento, parece que louvallas hum homem, como eu, he offender nos vindouros, e ainda nos presentes a sua clara memoria. Só Homero era o digno pregoeiro de Achilles; só era para Apelles retratar ao grande Alexandre. Porém como quem me anima he a rarissima virtude da gratidaõ, honrarei minha penna, e meu agradecimento, fallando de algumas acções, e virtudes daquella grande Alma, que tantas vezes me honrou com louvores, que só nasciaõ da bondade de seu animo, não menos da grandeza da sua pessoa.

No fausto dia de 25 de Janeiro, do anno de 1679, principiou a perigrinaçaõ de mortal o Senhor Marquez de Valença, nascendo filho illegitimo de D. Miguel de Portugal VI. Conde de Vimioso, Mestre de Campo General, Conselheiro de Guerra, e Estribeiro mór da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Nemours, primeira mulher do Senhor Rey D. Pedro II. Foy este Fidalgo taõ qualificado nas virtudes, como no sangue, sendo em ambas as qualidades respeitado como hum dos primeiros Cavalheros do seu seculo: de todos os seus merecimentos

recimentos deixou em seu grande filho o mais fiel retrato.

Subio á patria do descanso o Conde D. Miguel de Portugal, e ficou o Senhor Marquez de Valença debaixo da tutela da Senhora Condessa D. Maria Margarida de Castro e Albuquerque, sua Tia, e Madrastra, que o educou até a idade de onze annos, e o deixou por seu universal herdeiro. Bem sabe este Reino, que o mesmo he escrever, que esta Senhora o educara, do que affirmar, que fora ensinado pelas virtudes. Taõ fresca está a memoria desta rara Heroína!

Igualmente com a disciplina das virtudes entrou o Senhor Marquez na das letras; e como a Providencia o enriquecera com maõ liberal de hum profundo juizo, fez nellas aquelles progressos, de que depois admirámos taõ consumados frutos. Passou este insigne Varaõ os verdes annos da sua adolescencia na cultura daquelles exercicios proprios do caracter da sua pessoa, e na pratica daquellas acções, que lhe inspirava o seu esclarecido sangue: a illustre memoria de seus Avós era o puro espelho a que se compunha.

Para segurar a gloriosa successão da sua grande Casa tomou estado o Senhor Marquez, e foy sua dignissima esposa a Excellentissima Senhora

ra D. Francisca Rosa de Menezes , filha do grande Manoel Telles da Silva , I. Marquez de Alegrete , e da Marqueza D. Luiza Amaro Coutinho.

Fizeraõ as virtudes esta eleiçaõ ; porque para hum Fidalgo , que se havia fazer taõ distincto nos merecimentos , só era digna esposa huma Senhora , a quem tanto distinguem aquellas sublimes qualidades , que na Casa de Alegrete saõ patrimonio commum. Abençoou Deos este thalamo com felicissima posteridade : bastará dizer que em tudo he digna de seus illustres Pays , e da sabia Casa de Vimioso : assim o confessaõ todos , o povo com a costumada sinceridade , a Nobreza sem a vulgar lisonja.

Nesta mayor ventura dos Cavalheros , e da Republica , entrou o Senhor Marquez a applicarse profundamente aos estudos : estimulava-o , sobre as obrigações do sangue , o exemplo de seus Mayores ; quando naõ queiramos dizer , que na cultura das letras queria ser o melhor Mestre de seus filhos , como já o era na disciplina das virtudes.

Este he hum dos pontos mais altos deste Elogio ; e se elle naõ fora quem em todas as idades fará immortalmente veneravel a memoria deste illustre Varaõ , passaria eu em respeitoso silen-

silencio pelos seus profundos estudos , por me faltarem aquellas vivas expressões , com que se devem exprimir. Porém que hey de eu dizer ? Fallarey com aquella simples singeleza , com que sabe persuadir a verdade.

Pelo largo espaço de mais de trinta annos não empregava o Senhor Marquez cada dia nos estudos menos de seis horas : ainda quando doente não perdoava a applicação á enfermidade. Eu figuro neste grande Espirito a hum Cice-ro em Roma. Representase-me este Pay da Eloquencia Latina , polindo , e augmentando a lingua dos Gracchos , bebendo nas puras correntes do estylo , e erudição Grega , as melhores doutrinas , e revolvendo os gloriosos fastos dos seus Patricios , e daquelles Heroes estranhos , que deviaõ nascer Romanos. Por outra parte o estou figurando a escrever aquelles divinos Tra-tados , que não pode offender a ignorante inju-ria do tempo. Pois tal era o Senhor Marquez de Valença : dentro do seu gabinete revolvia os puros Authores da lingua Latina , para beber naquellas copiosas correntes a verdadeira erudi-ção , e estylo : revolvia igualmente os puros Au-thores da nossa lingua , para extrahir destas fon-tes a pureza da Eloquencia com que escrevia ; aquella pureza tal , que virá tempo , em que com  
ella

ella se authorizem dignamente os nossos Dictionarios: tanto basta para o igualar com o grande Vieira, o insigne Jacintho Freire, e outros Pays da pura Eloquencia Portugueza.

Destes livros passava o Senhor Marquez a outros, em que com judicioza reflexão lia os feitos heroicos desta, e de todas as Monarquias, para ajuntar no precioso thesouro da sua memoria huma exquisita erudição, com que depois liberalmente enriquecia os seus escritos.

Passava da especulação á pratica, e pegando na penna (veneravel reliquia para hum Museo!) escrevia aquellas sublimes obras, que a não serem dignas da nossa Real Academia, sómente o seriaõ do Senado Romano. Aqui torno a lembrarme da sua Eloquencia, e a crer quanto de Hercules Gallico fingio a mysteriosa Antiquidade. Quantas vezes os seus Collegas se viraõ suavemente prezos de taõ aurea elegancia! Tantas vezes foraõ, quantas o ouviraõ, ou no assento de Academico, ou na Mesa de Censor, em que resuscitava com singularidade o antigo Atticismo.

Abstrahido na contemplação dos estudos deste grande Espirito, não he sómente Cicero quem se me representa; porque para descobrir meynos expressivos, outras muitas imagens se me  
estaõ

estaõ figurando. Lembra-me Plutarcho escrevendo Elogios a diversos Varões illustres, para que entre as occultas cinzas, em que jaziaõ, naõ se confundisse, ou perdesse a memoria do que foraõ. Pois tal era o Senhor Marquez de Valença: lembrado de que o tempo, batedo as azas, apagava com as cinzas a memoria dos Varões famosos, escrevia o Elogio daquelles, que faleciaõ no seu tempo; e para a posteridade reputar estes pelos mais benemeritos, cuidou que melhor o julgará pela qualidade da penna, que os elogiou, que pela das accões, que obraraõ.

Fallando com aquelle sincero espirito, que anima a verdade, podemos dizer sem receyo de encarecimento, que o Senhor Marquez de Valença nascera para a Eloquencia; porque até naquella especie bem difficultosa de estylo, qual he o epistolar, foy taõ insigne, que naõ sey houvesse quem o igualasse, sey que naõ houve quem o excedesse. Só Plinio o igualaria, se me naõ engana o juizo na semelhança: porém naõ; era verdadeiramente huma imagem de Plinio, e podendo-o provar só com a admiravel Traduçãõ, que fez na lingua Portugueza do seu celebre Panegyrico a Trajano, só o provarey com as suas Cartas, que ani-

mava

mava com aquelle difficil estylo , que sem perder o familiar , e suave , era sentencioso , e discreto.

Contemplava a qualidade dos assumptos , e a dos sujeitos : com os inferiores usava do estylo grave , com os iguaes do suave , com os superiores do sublime ; mas sempre esta sublimidade era com tal economia , que vinha a servir como os toques em hum quadro , os quaes animaõ , mas naõ organisaõ o que nelles se representa.

Só em huma circumstancia naõ descubro igualdade no paralelo , e faz esta , com que o nosso Plinio excedesse muito o dos Romanos. Com mayor pureza , e castidade do que este , escrevia o Senhor Marquez as suas Cartas : naõ levantou Plinio a abatida magestade da lingua Latina ; fallou-a quasi com aquella corrupçaõ , que passava por elegancia no estragado seculo , em que vivia. Porém o Senhor Marquez , collocando com a propriedade das suas vözes a estatua da Eloquencia Portugueza na sua verdadeira base , escrevia de hum modo tal , que o consultavaõ todos como Oraculo da lingua.

Esta singularidade naõ só se conhecia escrevendo , mas igualmente fallando , porque misturava a graça , e elegancia , com a gravidade , e pureza. Em a harmonia , que Plataõ quiz desco-

brir

brir na eloquencia, era a lingua do Senhor Marquez a cythara mais afinada, como antigamente se dizia de Demosthenes. Não passe nos vindouros esta verdade por lisonja de Panegyrista. Nada defacordava quando o Senhor Marquez discorria: unia-se a graça dos apothegmas com a pureza das vozes, e a gravidade do estylo com o exquisito da erudição; fazia tudo huma tal suavidade, e harmonia, que nascendo a admiração da novidade, ainda assim admirava o que se sentia com frequencia.

Eis aqui o Varaõ que perdemos, e eu me atrevera a dizer, que com elle acabara entre nós a viva Eloquencia desta idade; mas dilohaõ os futuros, sem terem, como eu, o receyo de se fazerem odiosos, porque já entaõ ninguem se atreverá a dizer, que a verdade servio à lisonja.

Se o Senhor Marquez de Valença fora só ornado destas qualidades, que até aqui referimos, certamente seria hum Varaõ fabio: mas faltando-lhe a grandeza, e generosidade do animo, nem seria da Casa de Vimioso, nem hum Fidalgo completo: porém para o ser, até possuhio estas virtudes em gráo taõ eminente, que, se fora possível, poderia repartir a sua grandeza, como repartia os effeitos della.

Naõ contava este generoso Espirito mais de 24 annos , quando o Senhor Rey D. Pedro II. de boa memoria , o mandou fazer soldados nos termos de Torres Vedras , e Alenquer. Inspira-do do zelo de servir ao seu Principe , consultou a sua grandeza , de que se seguiu , gastar da sua fazenda dezaseis mil cruzados , em fardar inteiramente mais de trezentos homens , de que teve de ElRey aquellas honras , que pedia a açãõ , e a pessoa , juntas com os agradecimentos que soffre a Magestade.

Quando contava os mesmos annos, lhe fez a Senhora Rainha D. Catharina a distincãõ de o mandar á Villa de Santarem comprimentar da sua parte ao Archiduque Carlos , depois victorioso Emperador de Alemanha , e nesta funçãõ , como era theatro proporcionado para a grandeza do seu animo , mostrou bem a da sua pessoa no pomposo luzimento , com que comprimentou aquelle Augusto Principe.

Soube o Senhor Marquez de Valença , que o Senhor Rey D. Pedro intentava passar á campanha da Beira , e querendo acompanhallo , fez huma prevençãõ taõ luzida , como sua , o que naõ teve effeito ; porque naõ attendendo El-Rey ás mais fortes instancias , por considerar a falta de successor , que ainda havia na Ca-  
fa

fa de Vimioso , lhe não quiz dar a licença.

Grande foy esta acção do Senhor Marquez : antepoz o interesse da Patria ao da sua Casa , de que era o unico successor , arriscando-se a extingui-la , se bem que gloriosamente , nas contingencias da guerra : porém mayor foy a daquelle piedoso Principe , porque não se lembrando de que na sua Real pessoa expunha a conservação de huma Monarquia , só se lembrou de que em hum Vassallo se arriscava huma Casa.

Como ElRey não consentio , que fosse á campanha , e o empregou no governo do Forte de Alcantara , deu para a guerra quatro cavallos da sua pessoa , e em quanto não descançaraõ as armas , mandou seis mulas para o trem da artilharia ; e se o Arcebispo de Lisboa D. Joaõ de Sousa não tivesse feito o mesmo , não teria o Senhor Marquez companheiro neste serviço.

Por esta mesma occasião do rompimento da guerra obrou o Senhor Marquez outra acção , que nascida do seu fiel zelo , e da grandeza herdada de seus Mayores , não teve outros que a imitassem , sobrando para a singularidade os invejosos. Mandou offerecer á Junta dos Tres Estados todo o dinheiro com que se achava , joyas , prata , e armações , para ajudar a despeza da guerra , de cuja acção ouviu muitas palavras

honrosas ao Senhor Rey D. Pedro, e muitos recados de agradecimento pelos seus Camaristas, e Secretarios.

Passaria de Elogio a larga Historia a descripção de todas as occasiões, em que o Senhor Marquez de Valença quiz exceder na magnanimidade a seus Illustres Avós, quando lhe sobrava imitallos, para deixar magnifica memoria da grandeza de seu animo. Por este principio esquecermehey da sumptuosa pompa, com que celebrou na sua quinta do Campo grande os ultimos annos, que cumprio o Senhor Rey D. Pedro, que então convalecera da sua, e da geral enfermidade, fazendo huma excessiva despeza, assim na festa de cavallos, e refrescos, como nas luminarias de cera, e fogos de artificio.

Esquecermehey, de que gastara tres mil cruzados em hum dia de Auto da Fé, em que como Procurador de S. Pedro Martyr, devia dar hum refresco aos Reos.

Esquecermehey, de que por muitas vezes obsequiou, e divertio magnificamente em sua Casa a toda a Nobreza, e Damas da Corte com Comedias Hespanholas; e que tres dias mandara representar por sua conta a Comedia publica pela occasião de casar seu filho o Grande Marquez de Abrantes Rodrigo Annes de Sá, de quem era intimo amigo.

Esquecermehey, de que no casamento do Conde de Vimioso seu filho, dispendera quarenta mil cruzados, não fazendo nenhum adereço para a sua Casa; e que nesta occasião pagara por seiscentos mil reis huma Comedia, que mandara representar.

Esquecermehey tambem, de que hindo valerse do seu patrocínio hum Sacerdote, que não conhecia, para que o interpozesse com certo Cavalhero, a fim de que o proveesse em hum Beneficio da sua Casa, obrara nesta occasião huma acção digna da grandeza do seu espirito. Considerou o Senhor Marquez, que o pretendente fora enganado por quem lhe aconselhara a sua protecção; pois era publico, que naquelle tempo não communicava ao dito Fidalgo, e compadecendo-se da fingeleza do Sacerdote, rompeo a grandeza do seu animo, em lhe fazer certa huma pensão igual ao rendimento da Igreja, que procurava, já que tinha justos motivos para a não pedir. Em fim esquecermehey de outras muitas acções grandes; em que o Senhor Marquez mostrou huma grande parte da sua magnificencia, por não ser possível, que o mundo a visse toda.

Quem me ha de arguir de involver no silencio estes raros effeitos da magnanimidade do Senhor

nhor Marquez de Valença , se confesso que não tenho expressões dignas para os poder escrever ! Se eu tivera huma pequena porção daquella alta Eloquencia, de que Deos singularmente o dotou, que não diria da rara grandeza, com que poz aos pés de ElRey nosso Senhor tres sentenças conformes contra a Coroa na sabida causa de Parnambuco , aceitando o que sua Magestade foy servido darlhe , sendo o Titulo de Marquez a parte mais principal do que recebeo.

Que não diria daquelle magnanimo obsequio , com que suspendeo a mesma importantissima causa , em quanto viveo o Senhor Rey D. Pedro , continuando-a depois de sua morte , em que venceo ? Que não diria das importantes alviçaras , que dava aos Archeiros , pelos nascimentos dos nossos Principes , e de outras extraordinarias despezas , que nascião daquelle grande animo , que trazia por herança Real distinguir-se na generosidade , como no sangue !

Assim desempenhava o Senhor Marquez de Valença com os generosos effeitos da sua grandeza as altas obrigações, com que nascera. Nasceo Fidalgo , e parecia-o tanto , que o devera ser, se a natureza lhe negara esta qualidade ; porque hum coração magnanimo he o caracter mais especifico de hum Cavalhero.

Porém como a generosidade, e grandeza praticadas só por politica com o mundo apenas merecem o nome de huma sombra vã, se igualmente se não praticaõ por caridade com Deos, veremos agora por outra face a imagem deste insigne Varaõ. Vello-hemos despender para o culto Divino quatorze mil cruzados de huma só vez no pomposo apparatus, com que mandou ornar a Igreja de Santa Engracia para a festa do Desaggravo do Santissimo Sacramento.

A memoria deste Triduo ficará de pays a filhos em successiva tradicção; porque era tão exquisito, e sumptuoso o ornato da Igreja, que não deixou esperança para outro igual: porém para melhor persuadir tão extraordinaria pompa, bastará dizer, que satisfez aquelle pio, e generoso Espirito; pois a quem inventou a idea da armação, premiou com lhe dar huma tença de cem mil reis, e sustentarlhe hum cavallo em quanto viveo.

Constou em hum anno ao Senhor Marquez, que os miseraveis prezos do Limoeiro padeciaõ o ultimo desamparo naquellas horrorosas sepulturas dos vivos, e mandando repartir por elles a soma de tres mil cruzados, vestio muitos nùs, e fartou muitos famintos, vulgar enfermidade de que adoecem aquelles desamparados homens.

Mayor effeito da sua piedade experimenta-  
raõ estes , e outros pobres , quando foy Prove-  
dor da Misericórdia desta Corte ; porque sem  
recorrer ao Principe , menos ao Prelado , como  
seus antecessores fizeraõ , dispendeo com a Vi-  
sita geral , e festas da Igreja , a importante quan-  
tia de dezafete mil cruzados. Se na Casa de Vi-  
mioso naõ estivesse costumada a Misericordia a  
receber largas esmolas , naõ poderia eu desco-  
brir em outra hum semelhante exemplo.

Entre outras muitas occasiões teve o Senhor  
Marquez huma , em que bem claramente mos-  
trou , qual era a grandeza do seu animo , e a her-  
dada piedade do seu coração. Succedera a hu-  
ma mulher naõ sey que fragilidade ; creyo seria  
huma daquellas que o Matrimonio costuma re-  
mediar. Exposta por ella ao odio , e vingança  
de seus pays , recorreo por meyo de hum Reli-  
gioso á authoridade do Senhor Marquez , para  
que interpondo-a com seu pay , alcançasse del-  
le , ou o perdaõ , ou a dissimulaçaõ da offensa.  
Como este Fidalgo tinha por grave culpa o ne-  
gar-se ás occasiões de valer aos desamparados ,  
interpoz todo o seu respeito com o pay daquela  
miseravel ; porem como este só attendia ao que  
lhe propunha a paixãõ da sua honra offendida ,  
em nada attendeo á authoridade , e razões do

Senhor Marquez ; de que se seguiu , mais inspirado da piedade , do que estimulado da desatençaõ , tomar a juro com avanços usurarios a quantia de seiscentos mil reis , para com elles poder ser , como foy , Religiosa aquella desgraçada mulher.

Sempre o Senhor Marquez respirava piedade ; porque em cada anno despendia mais de cinco mil cruzados em esmolos. Persuadia-se que o segredo , que nellas guardava , naõ sahia do seu Palacio : porém enganou-se ; pois a justiça sempre remuneradora de Deos , que recomenda o segredo em quem dá , manda que por gratidaõ o publique quem recebe.

Fallavaõ entaõ , e hoje clamaõ muitas donzellas , e viuvvas honestas , explicando pelas lagrimas , que lhes falta naquelle piedoso coraçãõ quem as soccorria com ordinarias , e pagava os alugueres das casas. Fallavaõ entaõ , e hoje clamaõ os criados pobres , que serviraõ a sua Casa , aos quaes favorecia com frequencia , e grandeza. Fallavaõ entaõ , e hoje clamaõ os mendigos , com quem despendia todos os mezes cinco moedas de ouro , e muitas Communidades Religiosas , porque lhes falta neste Fidalgo , a humas a quantidade da cera para o Sepulcro de Quinta feira Santa , a outras as ordinarias para

o seu sustento, e a outras as frequentes esmolas para as necessidades particulares dos Religiosos, que todos venerava com summo respeito, como filhos daquelles Santos Patriarcas, que nas suas Religiões fundaraõ Seminarios para as virtudes.

Destá grande piedade do Senhor Marquez de Valença nascia a sua exemplar devoçaõ: era cordialissimamente devoto da Virgem Senhora, buscando para os perigos da vida o mais poderoso asylo. Todos os dias rezava de joelhos a esta Mãy universal de peccadores piissimas devoções, e nellas gastava largas horas sem attender á debilidade da sua natureza, que se augmentava com a dos annos.

Bem mostrou esta sua cordeal devoçaõ, quando foy Juiz da festa, que annualmente se faz à milagrosa Imagem de Nossa Senhora, com o titulo da Nazareth. Entaõ despendeo largas esmolas, e sustentou infinito povo, que concorria à sua piedade, naõ se achando de comer por aquelles contornos; porque igualmente nesta occasiaõ hospedou por ordem de Sua Magestade a seu Irmaõ o Senhor Infante D. Francisco, de faudosa memoria; e foy tal a grandeza desta hospedagem, que só se explica dignamente em naõ se poder exprimir; accrescendo a isto

to ser ao mesmo tempo Thesoureiro do Hospital Real, aonde fazia na cuidadosa assistencia dos enfermos huma consideravel despeza.

Naõ se póde igualmente expressar a ardente devoção, que teve a Santo Antonio: tudo quanto por este seu grande Nacional se lhe pedia, tudo dava; porque tudo quanto desejava recebia deste Santo. Todas as quartas feiras do anno visitava infallivelmente alguma das Igrejas consagradas a este prodigioso Portuguez, e a mesma devoção tinha com a Virgem Senhora, visitando em todos os Sabbados huma das muitas Igrejas, que lhe são dedicadas; buscando nesta Mãe de piedade, e nas frequentes confissões, que fazia, o unico remedio para apagar suas culpas.

Eu vejo-me perplexo na narraçã das virtudes desta grande Alma: faltaõ-me vozes, e sobraõ-me argumentos; mas consolo-me de que as minhas faltas seraõ alto assumpto de penna mais feliz. Entaõ leremos em digna historia qual foy a constancia, que fortalecia o coração do Senhor Marquez de Valença. Por ella me lembra hum rochedo, que entre as ondas despreza a furia de huma tempestade desfeita: lembra-me hum elevado Cedro, que superior aos ventos zomba dos seus impetuosos combates: lem-

bra-me hum Olympto , a cuja sublime grandeza não se atreve a offender coufa alguma ; porque à sua sublimidade cede toda a força dos Elementos.

Para prova desta verdade leremos descripta a constante indiferença , ou insensibilidade , com que vio arder em poucas horas todo o seu Palacio , que era hum magnifico edificio. Não sey , se hum Filosofo Apathista olharia com os mesmos olhos para taõ grande estrago ; porém este Estoico Christaõ lembrado daquellas palavras do Santo Job : *Dominus dedit , Dominus abstulit , sit nomen Domini benedictum* , foy o que unicamente disse em huma tal occasiaõ , que o precisou a aceitar o generoso offercimento de seu Cunhado , o Marquez de Alegrete Fernaõ Telles da Silva , que por espaço de tres dias o hospedou nobremente em sua Casa , e a sua numerosa familia.

Entaõ veremos escrito com dignas vozes a muita fidelidade , e compaixaõ , que neste contratempo deveo às pessoas Illustres , e Religiofas , que emulas do povo trabalhavaõ à contenda naquella lastimosa ruina. Entaõ leremos as imensas honras , que recebeo de Sua Magestade , e do Senhor Infante D. Francisco , offerecendo-lhe ElRey com a sua grandeza incomparavel todas

todas as Casas de Campo , que tem no sitio de Belem , vedadas a todos naquelle tempo , e o Palacio sempre veneravel, em que viveraõ os Senhores Duques de Bragança , com muitas instancias para que assistisse nelle , fazendo as mesmas o Senhor Infante , para que aceitasse o seu Real Paço da Bemposta.

Muito terá que dizer esse feliz Panegyrista ; passando de virtude em virtude , e fazendo em cada huma as devidas reflexões , tecerá o digno Elogio a esta grande Alma , para que a posteridade a proponha como exemplar de Cavalheiros. Certamente assim ha de succeder : será o Senhor Marquez em todos os seculos o exemplar de hum coração em tudo catholico ; porque saberaõ , que não só perdoou christãmente a quem cego de hũa apprehensãõ lhe fez o insulto de lhe dar hum tiro , de que ficou illezo , mas que com summa efficacia impedira a muitos amigos , e parentes a vingança daquelle atrevimento. Saberaõ mais , que encontrando no seguinte dia ao mesmo , que o insultou , lhe fizera a honra de hũa distincta cortezia ; e que mandando-lhe Sua Magestade perguntar , de quem se queixava , e que castigo queria désse ao delinquente , respondera , que de ninguem tinha queixa , e lhe supplicava , que não fizesse demonstraçaõ algũa.

Será

Será o Senhor Marquez em todos os seculos o exemplar do respeito , e veneraçã a seus Pays, e Tutores ; porque faberaõ que a primeira acçaõ , que fizera , tanto que se vira na sua liberdade , fora hir beijar a maõ a sua Mãy , que professara a Regra de S. Francisco no Mosteiro de Santa Anna. Saberaõ , que a respeitara sempre de fórte , que naõ só lhe tomava a bençaõ de joelhos , mas que a convidara para Madrinha da primeira filha , que lhe nascera , e que na sua morte se anojara , e dera luto a toda a familia , naõ sendo costume fazerse esta demonstraçã por pessoas Religiosas. Saberaõ , que igualmente fizera a mesma quando falecera o insigne Francisco Barreto , por ser hum dos Tutores , que com seu Irmaõ Roque da Costa Barreto , e o grande primeiro Marquez de Alegrete , lhe nomeara o Conde seu Pay.

Em fim será o Senhor Marquez de Valença em todos os seculos o exemplar da paciencia , e conformidade christã ; porque faberaõ , que contando a idade de cincoenta e cinco annos , o affaltara huma perigosissima doença , em que com constancia heroica padecera muito , e de que escapara milagrosamente , por ser o perigo invencivel no juizo dos Medicos , a melhoria repentina em dia de Santo Antonio , e infinitas

as orações, que teve a sua vida das Religiões, e pessoas de provada virtude. Saberaõ que nesta enfermidade mostrára bem o povo o sincero affecto, com que o amava; saberaõ a fina assistencia, que a Nobreza lhe fizera, e a honra com que Sua Magestade o tratara, mandando-o visitar cinco vezes de cerimonia, e que á semelhança desta distincão, recebera de todas as Pessoas Reaes os mesmos recados.

Porém se a narraçaõ, e reflexaõ nestas virtudes do Senhor Marquez deixo para Escritor proporcionado a taõ alto assumpto, naõ lhe deixarey outras; porque quero ter a gloria de definir com ellas o verdadeiro caracter deste sublime Espirito. Naõ importa, que me falte eloquencia, pois o que vou a dizer he taõ raro, e exquisito, que para ser tido por tal em toda a idade, bastará que simplesmente o refira.

Na virtude da fidelidade com o seu Monarca ( seja dito sem offensa alheya ) ninguem excedeo, menos igualou ao Senhor Marquez. Era taõ religiosamente observante desta virtude, que na pratica della pareceo em huma occasiaõ menos justo; pois ouvindo que o pay de hum criado seu concorrera para a entrega de huma Praça, despedio logo do seu serviço o Pagem innocente, e lhe fez certo dobrado ordenado em qual-

qualquer parte que estivesse , não estando á sua vista. Se esta acção tem exemplo , eu não sey qual he o original , de que nasceo esta copia.

Não se contentava o Senhor Marquez de ser tão fiel , como era , a Sua Magestade ; porque até o venerava , e adorava de tal modo , que estando na firme resolução de não fahir de Casa por hum forte affecto hypocondriaco , que padecia , tanto que soube , que estava perigosamente enfermo , foy logo ao Paço , e desde então , até que faleceo , lhe assistia muitas horas todos os dias.

Por esta excessiva fineza mereceo que Sua Magestade , cheyo da sua singular clemencia , estando na força do seu primeiro perigo , e na convalescença do segundo , o mandasse entrar na sua Camara , para lhe agradecer tão fino obsequio ; e por elle merecia , que o mesmo Senhor lhe fallasse com frequencia no seu gabinete , onde nunca entrou sem positivamente ser chamado. Nobre politica nascida de hum raro talento , que desprezando a vulgar ambição da privança , servia só á vontade do seu Principe ! Por isso recebia de Sua Magestade as mayores demonstrações de benevolencia , e se o soffresse o respeito da Soberania , differa tambem de amizade , sendo hũa das especiaes conceder a seus Filhos , quando

do estavaõ com elle , a honra de hirem á sua Real presença , o que outros Fidalgos naõ lo-gravaõ.

Em todo o tempo que frequentou o Paço , se entaõ se escrevessem as acções do Senhor Marquez , posso firmemente assegurar , que es-cureceria a clara memoria dos mais rectos Poli-ticos. Nunca fallou aquelle sublime Espirito , senaõ por boca da nua verdade ; nunca pedio a mais leve mercê para si , tudo pedia para os ou-tros , em quem havia merecimentos ; nunca se lhe ouvio palavra , por onde alguem ficasse me-nos avaliado com o seu Principe ; nunca perdeo occasiaõ de orar pelos benemeritos , de favore-cer os perseguidos ; nunca , sendo taõ benigno , lisongeou os poderosos na sua fortuna , menos os validos na sua bemaventurança ; quero di-zer , no seu valimento ; nunca em fim commet-teo peccado venial contra as justas leys da fan-ta Politica. Naõ sey se tudo isto estranhariaõ aquellas sagradas antecamaras !

Este era o Senhor Marquez de Valença ; hum Fidalgo , que cançaráõ os seculos , para produzir outro igual ; hum superior Espirito , que era para tudo , assim como era para todos ; huma grande Alma , que será a inveja dos vin-douros , como foy a admiração dos presentes :

finalmente hum Sabio perfeito , hum Politico Christaõ. Porém quando por estas rarissimas circumstancias , e outras , que naõ cabem em breve papel , esperavaõ todos , que pelos seus votos se contaßem os annos da vida deste insigne Varaõ , dispoz Deos o contrario pelos seus incomprehensiveis juizos.

Estava o Senhor Marquez de Valença assistindo a Audiencia dos felices Annos da Rainha nossa Senhora , de quem era Mordomo mór , quando sentio a cabeça accommettida de huma vertigem. Pedio logo que o acompanhasssem , e se retirou para a Casa do Porteiro da Camera ; onde deu vivos sinaes de querer confessarse ; mas como o ataque já pela sua força o naõ deixava , fõo recebeo a absolviçaõ , que lhe lançou D. Afonso de Menezes.

Foy sem demora sangrado , e sabendo disto a Rainha nossa Senhora , mandou , que todos os Criados do Paço lhe assistissem ; o que fizeraõ com a mayor promptidaõ , e cuidado ; porque sobre o preceito , huns o amavaõ pela benignidade , outros o sentiaõ pelo interesse do patrocinio.

Como o accidente criara muitas forças , repetiraõse-lhe as sangrias no braço , e naõ bastando este remedio , se lhe applicou o violento  
das

das farjas. Foy logo mudado para outro quarto, que Sua Magestade a Rainha mandara concertar, dando ordem ao Porteiro da sua Camara, para que tivesse o mayor cuidado, em que não faltasse a minima cousa, não só ao serviço do Marquez, mas de todos os seus Parentes, Corte, e Religiosos, que lhe assistiaõ, mandando dar a todos mesa de Estado, e outra para os Criados, Medicos, e outras pessoas, tudo com Real grandeza.

Considere-se agora o profundo sentimento, que por toda a parte respirariaõ aquellas sagradas antecameras, turbando-lhes taõ intempestivo caso a grandeza do jubilo, em que antes se viaõ por taõ alegre dia. O que não póde considerarse he o excessivo pezar, que penetrou a Rainha nossa Senhora, e a todos os Principes, mandando a cada instante informarse do estado da doença, dos Medicos, que lhe assistiaõ, e dos remedios, que se lhe applicavaõ, do que hia dar parte o Cirurgiaõ mór. Tal era o cuidado, que lhes devia hum Criado taõ fiel, e hum Vassallo taõ benemerito!

Julgouse não ser conveniente, que El Rey nosso Senhor soubesse o perigoso estado, em que se achava o Senhor Marquez, e menos, que estava no Paço; porque se considerou, que es-

te Príncipe , com prejuizo notavel da sua importantissima faude , romperia em hum grande excessõ de sentimento pela distincão , com que amava neste Vassallo a hum dos primeros homens da sua Monarquia.

Porém para satisfazer a Sua Magestade , differaõ , que huma forte dor de cabeça era quem privava ao Senhor Marquez de não hir ao Paço ; e bastou isto para pôr a este Monarca em tal cuidado , que não cessava em todo o instante de mandar saber delle a sua Casa ; e lembrado de que esta poderia padecer grave prejuizo , no caso , que o Senhor Marquez fallecesse , fez-lhe logo a mercê de hum Decreto , em que mandava , que nenhuma pessoa se metesse de posse de quaesquer bens , que pertencessem à sua Casa , ainda que fossem litigiosos.

Neste perigosissimo estado estava a importante vida do Senhor Marquez de Valença , fazendo-se inuteis os remedios mais poderosos da Medicina. Passadas muitas horas , despertaraõ os sentidos daquelle profundo lethargo. Entaõ deu vivos sinaes da sua antiga , e herdada piedade , não só pedindo , que o absolvessem repetidas vezes , mas beijando com summa veneraçã as sagradas Reliquias , que lhe chegavaõ os Religiosos , a quem igualmente beijava o fan-

fanto habito. Algumas palavras, se bem que poucas, articulou; porque tinha a lingua convulsa, e por este motivo não pode receber o Santissimo Viatico, em algum daquelles breves intervallos, que o terrivel mal lhe consentia.

Finalmente ( não se póde escrever sem lagrimas ) entrando em agonia aquelle grande Espirito pelas dez horas da noite do dia 9, passou na quarta feira pelas sete horas e meya da manhã ao gyro da eternidade, praza a Deos, gloriosa; assim piedosamente o devemos crer; porque com as suas virtudes soube formar os degrãos para esta subida.

Será este dia, de 10 de Setembro de 1749, fatalmente memoravel para este Reino, para a Casa de Vimioso, para toda a posteridade. Lerá esta os escritos deste insigne Varaõ, olhãrãõ faudosos seus Descendentes para o seu Retrato, considerará esta Monarquia a grandeza da perda, e dirãõ todos, que se as tardas idades curarem a penetrante ferida, que lhes fizera a morte, não será possivel, que apaguem a cicatriz.

Achava-se nesta funesta occasiaõ sangrado o Conde de Vimioso seu Filho, e não podendo dispor o enterro, encarregou esta diligencia a seu Irmaõ o Illustrissimo D. Miguel de Portugal e Castro, que logo mandou distribuir esmo-

las

las para se dizer hum grande numero de Missas: Entendeo prudentemente este Fidalgo, que não devia fazer acção alguma, sem primeiro pedir licença a Sua Magestade a Rainha; e como estava legitimamente impedido, encarregou a seu Primo Francisco de Mello, que pela Senhora Camareira mór fizesse presente a Sua Magestade, que o Marquez seu Pay era fallecido, e que entre a magoa, que o penetrava, era a mayor, o não poder já empregarse no seu Real serviço; e que como o Conde seu Irmaõ lhe encarregara a disposição do enterro, pedia a Sua Magestade lhe declarasse, se permittia, que este se fizesse do Paço, ou se determinava, que o corpo fosse levado para casa.

Respondeo Sua Magestade, pela mesma Senhora Camareira mór, que ella estava sũmamente sentida, e magoadã pela falta do Marquez seu Pay, a quem havia hir lançar agua benta; e que como aquella era a ultima occasiã, em que podia mostrar quanto o estimava, e distinguia, seria por ordem sua a disposição do enterro; e que queria constasse á Marqueza sua Mãy, e Irmãos, o grande pezar, que esta morte lhe devia.

Dadas as ordens ao Porteiro da Camera, se mandou armar a casa, em que estava o corpo

po do Senhor Marquez , levantando-se nella hum Altar. As paredes estavaõ cubertas de pannos de rás , o pavimento alcatifado , e no meyo se levantou huma tarîma alta cuberta de veludo negro , em que se poz o corpo , e se cubrio com outro panno da mesma seda , e cor. Estava outra casa de fóra igualmente cuberta de pannos de rás , e nella levantado outro Altar , e em ambos se celebraraõ muitas Missas.

Dando-se parte a Sua Magestade , de que tudo estava prompto , sahio com todas as Pessoas Reaes do seu quarto , e estando-a esperando á porta da antecamera o Illustrissimo D. Miguel de Portugal , acompanhado de todos os seus Parentes , lhe beijou a maõ pelas mercês taõ distinctas , com que honrava a sua Casa , e a memoria de seu Pay ; ao que esta Senhora , cheia de magoada benignidade , respondeo com as palavras mais expressivas de estimaçaõ , e sentimento.

Acompanhada de quasi toda a Corte , entrou Sua Magestade na casa , em que estava o corpo , e lançando-lhe agua benta , que lhe ministrou o Eminentissimo Cardeal da Cunha , a cujo piedoso acto se seguiraõ suas Altezas , se recolheo ao seu quarto , mostrando estes magoados

dos Principes no semblante aquelle sentimento, que consente a Magestade, e que he dos merecimentos dos Vassallos benemeritos hum Real elógio, que excede o da mayor eloquencia. Quiz ElRey nosso Senhor fazer a mesma pia demonstração do seu sentimento; porque já então se lhe revelara o segredo; porém como no mesmo dia tinha tomado hum remedio, e poderia perigar a sua saude em sahir da sua Camera, este justo motivo foy quem embarçou tão excessiva honra.

Na tarde da mesma quarta feira vieraõ, por ordem da Rainha nossa Senhora, dez Communidades de Religiosos a encomendar o corpo, como foraõ, a dos Franciscanos da Provincia de Portugal, Carmelitas, Trinos, Gracianos, Arrabidos, Paulistas, Agoftinhos Descalços, Dominicos, Terceiros de Jesus, Capuchos, e Meninos Orfaõs; a que se seguiraõ o Paroco, e Padres da Freguesia da S. Igreja de Lisboa.

Encomendado o corpo por estas Communidades, e por hum numero infinito de Religiosos de todos os Conventos da Corte, veyo o Porteiro da Camera guiando os Veadores da Casa Real, que eraõ D. Joaõ de Almeida, o Conde de Sabugosa, D. Joseph de Menezes e Tavora, o Conde de Valadares, D. Affonso de

de Noronha, o Conde Baraõ, D. Carlos de Menezes, o Conde de Val de Reys, e o Almirante de Portugal.

D. Joaõ de Almeida, como Veador mais antigo, fechou o caixaõ, e os mais o trouxeraõ ao coche, precedidos de dez Moços da Camera, dos quaes seis allumiavaõ com tochas. O Illustrissimo D. Miguel de Portugal acompanhou feu Pay até o coche, em que entrou o Paroco da Freguezia de Nossa Senhora da Encarnaçaõ.

Entregou D. Joaõ de Almeida a chave ao Conde de Aveiras Filho, e foy levado o corpo ao Mosteiro do Santissimo Sacramento, como aquellas Religiosas pediraõ, acompanhado de toda a Nobreza, muitas pessoas particulares, e de dous coches de Criados da sua Casa. Chegando á Igreja deste Convento, de que foraõ Fundadores seus piissimos Avós, pegaraõ no caixaõ os parentes mais chegados, que foraõ Antonio Telles da Silva, Francisco de Mello seu filho, D. Luiz de Sousa, Rodrigo Antonio de Figueiredo, o Conde de Valladares, Fernando Xavier de Miranda Henriques, Joseph Gomes de Menezes, e o Marquez de Alegrete.

Na Igreja lhe cantaraõ hum Responso aquellas santas, e sentidas Religiosas, offician-

do o Mestre Fr. Manoel Coelho , Vigario do mesmo Mosteiro , e Deputado do Santo Officio na Inquisição de Lisboa. Acabado este piedoso acto , foy levado ao Convento de S. Joseph de Ribamar , antigo jazigo da sua Casa , ficando na Igreja , para no dia seguinte se lhe cantarem os Officios , e fazerem os mais suffragios , como se executou , levando-o depois á sepultura a devoção de seis Religiosos da mesma Communidade.

ElRey nosso Senhor , que não se satisfazia com demonstrações tão distinctas da sua magoa , nascidas da singular estimação , com que amava a pessoa do Senhor Marquez de Valença , quiz della dar outro argumento , mandando dar os pezames á Senhora Marqueza , e visitar o Conde , e feu Irmaõ com hum Decreto , que por ser tão honroso , queremos , que o lea a posteridade.

**T**Endo consideração á memoria do Marquez de Valença D. Francisco de Portugal , e á estimação , que fazia da sua pessoa , e esperando do supplicante Conde de Vimioso me servirá com o zelo , com que o fizeram seus Ascendentes aos Reys meus predecessores : Hey por bem , fazer mercê ao dito Conde do  
Titu-

*Titulo de Conde de Vimioso de juro, e herdade para sempre, na forma da Ley Mental, como já teve a sua Casa, e de huma vida no Titulo de Marquez de Valença para o Filho, que lhe succeder na dita sua Casa, e em vida do supplicante, do tratamento de Sobrinho, e de todos os bens, jurisdicções, e prerogativas da Coroa, de que o dito Marquez seu Pay era provido, e não tinha vida, posto que pela sua qualidade necessitem de especial expressão.*  
*Lisboa, 11. de Setembro de 1749.*

Naquelle santo lugar cobre piedosa terra o corpo do grande Senhor Marquez de Valença: alli descansaráõ suas illustres cinzas, esperando a resurreicção universal. Acabou a vida daquelle corpo, principia agora com eterna duraçãõ a da sua fama. Aquelles homens de escura memoria, que nunca haviaõ de ter nascido, quando morrem, a mesma campa, que lhes esconde o corpo, tambem lhes sepulta o nome; porém aquelles Varões de clara fama, que nunca haviaõ de acabar, quando fallecem, a mesma morte, que experimentaraõ, he origem de huma eterna vida, em que entraõ. Assim o vemos praticado em muitos; porém mais que em todos, o veremos no Senhor Marquez de Valença.

Em quanto os rios para o mar correrem, vivirá entre nós aquelle sublime Espirito por hum modo maravilhofo. Quando virmos, que florecem as Academias na mais pura, e casta Eloquencia, he o Senhor Marquez quem as estimulla. Quando observarmos os estudiosos entregues aos vastos estudos da Filologia, he o Senhor Marquez quem as anima. Quando respeitarmos a Nobreza favorecendo os miseraveis, amparando os benemeritos, e fallando ao lado do Principe fó por boca da verdade, he o Senhor Marquez quem a inspira. Em fim, quando venerarmos a grande Casa de Vimiofo praticando raras acções de fidelidade, e independencia com os seus Soberanos; quando a virmos amando, e communicando os sabios; quando a distinguirmos em se entregar aos estudos profundos, e empenhar-se nos interesses da Republica, he o Senhor Marquez, quem animado de todos os seus ascendentes a influe.

Mas para que melhor se descubra este maravilhofo modo, com que vivirá entre nós taõ superior Espirito, daremos a ler hum Catalogo dos seus escritos, e entaõ se ficará sabendo o como póde influir todas estas qualidades, e virtudes; porque vivo eternamente nas suas obras tudo isto inspirará aos presentes, e vindouros.

## OBRAS IMPRESSAS.

**O** *Ração com que congratulou a Academia Real, quando foy admittido por Academico.* Está no Tomo 3. da Colleção dos Documentos da mesma Academia, impresso em Lisboa por Pascoal da Silva, anno de 1723.

*Oração com que congratulou a Academia Real pelo feliz nascimento do Senhor Infante D. Alexandre, recitada no Paço em 27. de Setembro. No mesmo Tomo.*

*Oração Panegyrica ao felicissimo casamento do Serenissimo Senhor D. Joseph, Principe do Brasil, e da Serenissima Senhora D. Marianna Victoria, Infanta de Castella, recitada na presença de suas Magestades, e Altezas. No Tom. 8. das mesmas Collecções, impresso por Joseph Antonio da Silva, anno 1728. Sahio tambem impressa na Officina de Miguel Rodrigues, anno de 1728.*

*Oração recitada na Academia Real na occasião da morte do Serenissimo Senhor Infante D. Alexandre. No mesmo Tom. 8. e reimpressa na Officina de Miguel Rodrigues, anno de 1749.*

*Elogio do Padre Jeronymo de Castilho, da Companhia de Jesus, recitado em 25 de Mayo, Tom.*

Tom. 10 das mesmas Collecções , impresso por Joseph Antonio da Silva , anno 1730.

*Discurso como deve ser hum Historiador* , recitado na Academia em 4 de Janeiro. Tomo 11 das mesmas Collecções , pelo mesmo impressor anno de 1731.

*Discurso em que se prova , que quem logra a sabedoria , possuiue todas as virtudes* , recitado na Academia em 21 de Junho. No mesmo Tomo.

*Elogio do Padre Pedro de Almeida , da Companhia de Jesus* , recitado na Academia em 3 de Janeiro de 1732. No mesmo Tomo.

*Discurso , em que persuade a uniaõ entre os sabios* , recitado na Academia em 13 de Março de 1732. No mesmo Tomo.

*Discurso , em que prova , que a virtude louvada naõ cresce , antes se diminhe* , recitado no Paço em 7 de Setembro de 1732. No mesmo Tom.

*Discurso , em que defende , que o titulo de Heroe se pôde dar a hum Varão insigne nas letras , e santidade , como nas armas , oppondo-se a quem affirmava , que só competia aos professores das armas* , recitado na Academia em 23 de Abril. No Tomo 13 das mesmas Collecções , pelo mesmo impressor , anno de 1733. Reimprimiose com outro titulo na Officina de Miguel Rodrigues , anno de 1747.

*Pratica na occasião , em que exercitou o emprego de Censor.* No Tomo 14 das mesmas Collecções , pelo mesmo impressor , anno de 1734.

*Elogio do Padre D. Manoel Caetano de Sousa.* No mesmo Tomo.

*Oração recitada na Academia , sendo Director della.* No mesmo Tomo.

*Declaração de estar eleito Academico Ignacio Barbosa Machado.* No mesmo Tomo.

*Oração , em que celebrava os Annos da Rainha nossa Senhora , recitada no Paço em 7 de Setembro de 1735.* No Tomo 15 das mesmas Collecções , impresso por Joseph Antonio da Silva , anno de 1735.

*Oração celebrando-se os Annos delRey nosso Senhor , recitada no Paço em 22 de Outubro de 1735.* No mesmo Tomo.

*Pratica na Conferencia de 19 de Fevereiro de 1736.* No Tomo 16 , impresso por Joseph Antonio da Silva , anno de 1736.

*Elogio funebre do Excellentissimo Senhor Manoel Telles da Silva Marquez de Alegrete , Secretario da Academia.* No mesmo Tomo.

*Elogio funebre do Serenissimo Senhor Infante D. Carlos , recitado no Paço em 30 de Abril de 1736.* No mesmo Tomo.

*Decla-*

*Declaração de estar eleito Academico o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes. No mesmo Tomo.*

*Elogio funebre de Diogo de Mendouça Corte-Real, Secretario de Estado, recitado no Paço em 17 de Mayo de 1736. No mesmo Tomo. Reimprimiose na Officina de Miguel Rodrigues.*

*Oração nos Annos da Rainha nossa Senhora, recitada no Paço em 7 de Setembro de 1736. No mesmo Tomo.*

*Oração nos Annos delRey nosso Senhor, recitada no Paço em 29 de Outubro de 1736. No mesmo Tomo.*

*Oração recitada no Paço na morte da Serenissima Senhora Infanta D. Francisca. No mesmo Tomo. Reimprimiose na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, anno de 1736.*

*Oração Panegyrica nos felicissimos Annos do Serenissimo Senhor D. Joseph Principe do Brasil, recitada no Paço em 6 de Junho de 1747. Na Officina de Miguel Rodrigues, anno de 1747.*

*Voto recitado na Academia Real, pelo qual se mostra se devem admittir a ella os Estrangeiros, Por Miguel Rodrigues, anno de 1738.*

*Oração recitada no Paço, pela qual se mostra, que nem os Reys devem filosofar, nem os*  
Filoso.

*Filosophos reinar.* Por Miguel Rodrigues, anno de 1738.

*Elogio funebre de Belchior do Rego de Andrade.* Pelo mesmo impressor, anno de 1738.

*Elogio funebre do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Tarouca Joaõ Gomes da Silva.* Pelo mesmo impressor, anno de 1739.

*Segundo Elogio funebre do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Tarouca Joaõ Gomes da Silva.* Na mesma Officina, e anno.

*Discurso Apologetico em defensa do Theatro Hespanhol.* Na mesma Officina, e anno.

*Reflexões á Sacratissima Paixaõ de Jesu Christo nosso Senhor.* Por Miguel Rodrigues. Reimprimiose na Officina de Pedro Ferreira.

*Emmanueli Tellezio Silvio, Marchioni Alegretensi, S. P. D.* He huma Carta Latina, que sahio ao principio dos Epigrammas do mesmo Marquez de Alegrete. Lisboa por Pascoal da Silva, anno de 1722. E na Haya por Adriaõ Moitiens, anno de 1723.

*Carta escrita ao Duque Estribeiro mór, em que o applaude pelas Ultimas Acções, que escreveo de seu Payo Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello.* Sahio no principio desta Obra. Na Officina da Musica, anno de 1730.

*Instrucção, que deu a seu filho o Conde de Vimioso, quando foy á Campanha do Alemtejo. Por Miguel Rodrigues, anno de 1745. E foy reimpressa na Officina de Pedro Ferreira, anno de 1746.*

*Instrucção, que deu a seu filho segundo D. Miguel Lucio de Portugal. Na Officina de Miguel Rodrigues, anno de 1745. Reimprimio-se na de Pedro Ferreira, anno de 1746.*

*Elogio ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Abrantes Rodrigo Annes de Sá. Por Miguel Rodrigues, anno 1745.*

*Elogio de D. Alvaro de Abranches, Bispo de Leiria. Pelo mesmo impressor, anno de 1746.*

*Elogio á constancia, que ElRey nosso Senhor tem tido na sua dilatada enfermidade. Pelo mesmo impressor, anno de 1748.*

*Critica á famosa Tragedia do Cid, composta por Pedro Cornelli, e Reparos feitos a ella. Pelo mesmo impressor, anno de 1747.*

*Resposta do Marquez de Valença aos Reparos de hum Anonymo á Critica, que fez o mesmo Marquez á famosa Tragedia do Cid. Pelo mesmo impressor, anno de 1748.*

*Carta consolatoria na morte delRey Catholico Philippe V. á Serenissima Senhora D. Marianna*

*rianna Victória Princeza do Brasil.* Sem nome da Officina.

*Oração nos Annos do Principe nosso Senhor.* Começa: *Já tive a honra.* Sem nome da Officina.

*Oração nos Annos da Princeza nossa Senhora.* Começa: *Viva V. Alteza muitos, e felices annos.* Sem nome da Officina.

*Oração nos Annos da mesma Senhora em 31 de Março de 1749.* Começa: *Como os Principes não vivem tanto para si.* Sem nome da Officina.

*Oração nos Annos da Rainha nossa Senhora em 7 de Setembro de 1749.* Começa: *Desejamos affectuosamente.* Sem nome da Officina.

## MANUSCRITAS.

**E**Ntre outras obras, que se escondem á minha noticia, traduzio com grande pureza, e exacção no nosso idioma o

*Panegyrico de Plinio ao Emperador Trajano.* Deixou igualmente hum grande numero de

*Cartas a diversos assumptos*, de que se póde formar hum volume de justa grandeza: e outro igual numero de

*Discursos a diversos assumptos*, de que tambem se poderiaõ formar alguns volumes; e to-

das estas obras esperamos , que se publiquem por beneficio da impressãõ , para se augmentar a grande gloria da Casa de Vimioso , e a instrucção aos eruditos.

Agora adorando os vestigios de hum grande exemplar da Eloquencia Portugueza , depois de ter escrito com penna succinta as acções , qualidades , e virtudes do Senhor Marquez de Valença , como melhores Pays , que lhe deraõ mais alto ser , descreverey igualmente em breve mappa , e com simples narraçãõ a excelsa ascendencia de que a natureza o fez nascer.

Para se mostrar , que a sua origem he Real ; bastará dizer , que D. Francisco de Portugal , I. Conde de Vimioso , Vedor da Fazenda delRey D. Manoel , e delRey D. Joaõ III. do Conselho de ambos , e Camareiro mór do Principe D. Joaõ , fora filho illegitimo de D. Affonso de Portugal , Bispo de Evora , e neto do I. Marquez de Valença , filho primogenito do Senhor D. Affonso I. Duque de Bragança. Casou este primeiro Conde duas vezes , a primeira com D. Brites de Vilhena , filha de Ruy Telles de Menezes , V. Senhor de Unhaõ , e de D. Guiomar de Noronha ; a segunda com D. Joanna de Vilhena , filha do Senhor D. Alvaro , e de D. Filippa de Mello , Condessa de Olivença. Def-

te sagrado vinculo teve entre outros filhos a

D. Affonso de Portugal , II. Conde de Vimiofo, e Vedor da Fazenda delRey D. Joaõ III. que casando com D. Luiza de Gusmaõ, filha de Francisco de Gusmaõ, Mordomo mór da Infanta D. Maria , e de D. Joanna de Blasfeld Camareira mór da mesma Infanta, teve entre outros filhos a

D. Francisco de Portugal, que morreo em vida de feu Pay sem posteridade, motivo porque lhe succedeo seu Irmaõ

D. Luiz de Portugal, que foy III. Conde de Vimiofo, e casou com D. Joanna de Castro e Mendoça, filha de D. Fernando de Castro, Conde de Basto, e da Condessa D. Filippa de Mendoça. Desta sagrada uniaõ houve larga posteridade, sendo della primogenito

D. Affonso de Portugal, que foy IV. Conde de Vimiofo, e I. Marquez de Aguiar, dos Conselhos de Estado, e Guerra delRey D. Joaõ o IV. e Capitaõ General de todo o Reino; o qual casando com D. Maria de Mendoça, filha do I. Marquez de Castello Rodrigo D. Christovaaõ de Moura, e da Marqueza D. Margarida Coutinho Corte-Real, teve a

D. Luiz de Portugal, que foy V. Conde de Vimiofo, Gentil homem da Camara do Prin-

cipe D. Theodosio , e Almirante de Portugal , e casou duas vezes , a primeira com D. Maria Ignez de Azevedo , filha de D. Lopo de Azevedo , Almirante de Portugal , e de D. Guio-mar da Silva ; a segunda com D. Ignacia de Tavora , filha de D. Antonio Luiz de Tavora , Conde de S. Joaõ , e da Condesa D. Archangela Maria de Portugal : e sendo este Fidalgo morto em hum desafio , naõ deixando successaõ , lhe succedeo seu Irmaõ

D. Miguel de Portugal , VI. Conde de Vimioso , Governador de Evora , Senhor da Casa , e Condado de Basto , e da Capitania de Parnambuco , do Conselho de Guerra , e Estribeiro mór da Rainha D. Maria Francisca ; que casando com D. Maria Margarida de Castro e Albuquerque , filha herdeira de Duarte de Albuquerque Coelho , e de D. Joanna de Castro , naõ teve successaõ deste sagrado vinculo ; mas houve tres filhos illegitimos , sendo o terceiro delles o

Senhor D. Francisco Paulo de Portugal , VII. Conde de Vimioso , II. Marquez de Valença , Senhor da Casa de Basto , e Donatario da Capitania de Machico , Commendador de S. Miguel de Chorense , de Santiago de Andrões , e S. Martinho de Sande no Arcebispado de Bra-  
ga ,

ga, S. Miguel do Souto no Bispado do Porto, S. Nicolao de Salfas no de Miranda, todas na Ordem de Christo, e das Commendas de Almodovar, e Garvaõ no Campo de Ourique, da Ordem de Santiago, Governador do Forte de Alcantara, Padroeiro do Convento de S. Joseph de Ribamar, e outros, Mordomo mór da Rainha nossa Senhora, e faudofo assumpto deste Elogio; que casou com a Excellentissima Senhora D. Francisca Rosa de Menezes, filha do grande Manoel Telles da Silva, I. Marquez de Alegrete, e da Marqueza D. Luiza Amaro Coutinho. Desta feliz uniaõ nasceraõ

O Senhor D. Joseph Miguel Joaõ de Portugal, VIII. Conde de Vimioso, III. Marquez de Valença, Deputado que foy da Junta dos Tres Estados, e Presidente da Meza da Consciencia, e Ordens; que casou com a Excellentissima Senhora D. Luiza de Lorena, filha de seu primo com irmaõ Manoel Telles da Silva, III. Marquez de Alegrete, e da Marqueza D. Eugenia de Lorena, de que ha dilatada successaõ. A Senhora D. Theresa Maria Joseph de Portugal, e o Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Miguel Lucio de Portugal e Castro, Prelado da Santa Basilica Patriarcal, todos filhos dignissimos de taõ grande Pay, ou  
fe

se consulte as letras , ou se attenda ás virtudes.

Talvez aquella Critica impertinente , de que tanto adoece este seculo frenetico , não quereria , que nós fizessemos aqui menção de tres filhos illegitimos , que houve o Senhor Marquez ; persuadindo-se , que em semelhante escriptura só devem ter lugar as virtudes : porém nós desprezando de proposito este reparo , ou por termos exemplos graves , ou porque estes filhos são taõ benemeritos da Casa de Vimioso , como dos sagrados Institutos , que abraçaraõ , faremos delles especial memoria.

Fóra do matrimonio teve a D. Francisco de Portugal , que he Religioso professo do quarto Voto na sagrada Companhia de Jesus , de quem tive a grande honra de ser discipulo : D. Francisco de Portugal , que professou o Instituto de S. Caetano , e D. Miguel de Portugal , que entrando na mesma Religiaõ da Companhia , falleceo nella pouco depois da primeira profissaõ , quando estava na flor dos annos , e das esperanças.

Foy o Senhor Marquez de Valença de estatura mediana , e estrutura delgada. Teve grande gentileza no aspecto , e huma especial eleição no vestir , em que , sendo rico , não usava de ouro, ou prata. Ainda neste luzido , e delicado tra-

to da sua pessoa , excedeo a todos , como igualmente na pompa , a grandeza da sua Casa , conservando o antigo uso de seus Mayores. A estes creyo , que tambem excedeo na rara cortezia com o povo , na civilidade com a Nobreza , na reverencia com os Principes. Foy taõ escrupulosamente observante das Leys deste Reino , que nunca commetteo na Republica nem hum leve delicto. Sendo por natureza ardente , e livre , nunca disse a ninguem palavra offensiva ; e tendo huma especial brandura , e suavidade de genio , foy sempre muy severo nas materias da Religiaõ , e da honra. Era grande venerador da antiguidade , e defensor constante dos costumes nacionaes. Procurava ter estreita amizade com as pessoas de mayor merecimento , inculcando-as com efficacia , se naõ eraõ conhecidas , e defendendo-as com zelo , se eraõ accusadas ; e por isso teve sempre a nobre paixãõ de querer conhecer , e louvar aquelles homens , que saõ insignes em qualquer Arte , favorecendo naõ só a estes , mas á toda a casta de gente , que buscava a sua protecçaõ , e grandeza. Amou excessivamente as letras , e para este fim soube com perfeiçaõ as linguas Latina , Hespanhola , Italiana , e Franceza , como precisos soccorros para conseguir hum completo

pleto conhecimento da Filologia, que ornava com huma vasta erudição das materias sagradas.

Este era o Senhor Marquez de Valença D. Francisco Paulo de Portugal e Castro: pelo de- do argumentará a posteridade a grandeza deste Gigante, e verá se no continuo gyro dos seus seculos produz este Reino outro Varaõ igual.













